

POVO YANOMAMI NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO

Onimatima Yano preowiha Yanomae yamak+Pihi xaariruuwi Mahiowi

A UFRR é a primeira instituição de ensino superior público do Brasil a receber indígenas da etnia Yanomami

PÁGs. 06 à 08



Dário Kopenawa (à dir.) comemora o ingresso no curso de Gestão Territorial ao lado do pai Davi Yanomami

MOBILIDADE

Acadêmicos da UFRR vão estudar na Universidade de Coimbra

PÁG. 10 e 11

ANTROPOLOGIA

Pesquisadores de todo o país participam da III REA

PÁG. 05

HISTÓRIA

Filho do engenheiro que projetou Boa Vista conversa com acadêmicos da UFRR

PÁG. 04

Nossas conquistas são resultados do trabalho coletivo

ROBERTO RAMOS | REITOR DA UFRR

A UFRR inicia o segundo semestre de 2011 contabilizando novas conquistas. O trabalho coletivo de técnicos e professores tem proporcionado a manutenção do ritmo de crescimento da nossa instituição, para melhor servir a comunidade acadêmica e a sociedade. As inaugurações recentes do Núcleo de Documentação Histórica e do Serviço de Atendimento Psicológico (SAP) são exemplos disso.

O Núcleo de Documentação Histórica foi criado na década de 90 pelos professores do Departamento de História, com o nome de Laboratório de Documentação Histórica e ainda não possuía sede própria. Agora tem espaços relativamente apropriados para receber, armazenar e disponibilizar, aos usuários, documentos sobre a história de Roraima, para consultas e atividades de pesquisa.

O SAP da universidade prestará atendimento à comunidade acadêmica e à população em geral. Serão realizados trabalhos de prevenção e de promoção à saúde mental. Os alunos farão seus estágios no local, além de desenvolver projetos de extensão e pesquisa.

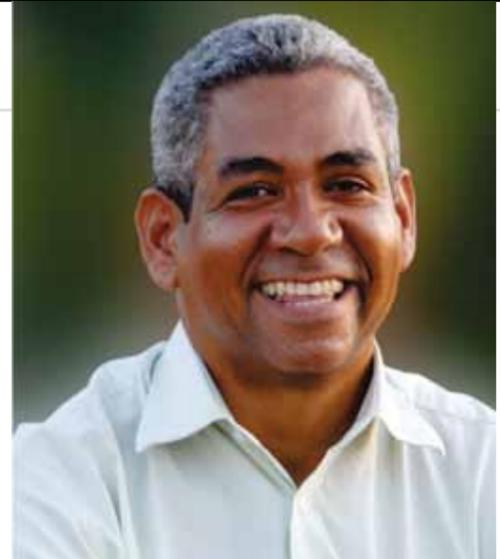
Outra vitória dos que trabalham pelo crescimento da instituição foi a entrada, neste semestre, de estudantes Yanomami no Ensino Superior. Os primeiros alunos já estão frequentando as aulas nos cursos de Licenciatura Intercultural e Gestão Territorial do Instituto Insikiran. Uma conquista para esta etnia que tem sua trajetória de luta marcada pelo reconhecimento de seus direitos e pelo respeito a sua terra. Para a UFRR também é um marco que fortalece seu compromisso com a educação superior indígena em nosso estado. Das 10 etnias indígenas de Roraima, a Yanomami

era a única que ainda não havia ingressado no ensino superior público brasileiro.

Nossa missão de disseminar conhecimento às populações da Amazônia também pode ser vista no interior do estado. No final deste mês, a Pró-Reitoria de Extensão (Proex), em parceria com o Incra, por meio do Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária (Pronera), certificará 300 alunos do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (EJA-PAR) no município de Caroebe, sul do estado.

O início das aulas do segundo semestre letivo também coincidiu com a realização de um dos maiores eventos científicos do Brasil na área da Antropologia. A III Reunião Equatorial de Antropologia (REA) ocorreu paralela a XII Reunião de Antropólogos Norte e Nordeste (ABANNE) e reuniu, no campus do Paricarana, dias 14, 15, 16 e 17 de agosto, dezenas de professores, pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação de todo o Brasil e de outros países, discutindo o tema: Diálogos Interculturais na Pan-Amazônia. Foi um grande evento organizado pela UFRR, por meio do Instituto de Antropologia (INAM) e do Núcleo Histórico Sócioambiental (NUHSA).

No dia 15 de agosto, a UFRR lançou o programa Novos Talentos, de Inclusão Social e Desenvolvimento da Cultura Científica. Este projeto permite que estudantes selecionados no ensino médio do estado possam frequentar, na universidade, laboratórios de pesquisa e aulas ministradas por professores, afim de identificarem suas vocações para o ensino superior. Esta iniciativa contou com o financiamento da CAPES e apoio da Pró-Reitoria de Ensino e Graduação (Proeg) e está sendo realizada por um grupo de professores do Centro de Ciências e Tecnologia (CCT), Centro



de Estudos da Biodiversidade (CEBio) e Centro de Ciências Agrárias (CCA).

Na área de direitos humanos, a Universidade, por meio da Proex e em parceria com o Centro de Migrações e Direitos Humanos (CMDH), realiza no dia 23 de agosto o seminário de 10 anos da Comissão de Anistia, com o tema Cidadania e Direitos Políticos: uma dívida histórica do Estado brasileiro. É um momento ímpar para reflexão sobre a história recente do país em fatos que esperamos construir um Brasil melhor.

A UFRR está movimentada com esses e outros acontecimentos e vai ficar mais ainda com a realização do II Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada e Gestão Territorial que acontece em setembro e do IV Seminário de Integração de Práticas Docentes da UFRR. Em outubro, será realizado o 12º Simpósio de Geologia da Amazônia. Ainda em setembro, a UFRR também comemora seus 22 anos de criação. Vamos festejar a data com o projeto cultural Vozes da Fronteira, na qual artistas da Amazônia e de países vizinhos mostrarão, no campus universitário, a música da fronteira.

A sociedade está convidada para participar desses momentos. São ações planejadas que fazem da UFRR uma instituição em crescimento, resultado de um trabalho coletivo que não para por aqui, mas se renova por meio do compromisso e da nossa vontade de fazer o melhor. Para todos, um bom semestre letivo. ■

ÚLTIMAS DA UFRR

UFRR reaproveita material de construção

A construção ou reforma vai chegando ao fim e ficam os entulhos. Muita coisa não tem condições de ser reaproveitada, mas parte dessas sobras pode ser destinada a outras construções. É o que faz a Gerência Operacional (GEOP) da UFRR. É feita uma triagem no material proveniente de um prédio reformado para reaproveitar tudo o que tem condições de uso. "Esse é um trabalho que já fazíamos, mas como temos muitas obras em andamento, nós intensificamos essa triagem", lembrou Raimundo Nonato dos Santos, Gerente Operacional da UFRR.

Ampliação da rede de energia

O trabalho de ampliação da rede de energia no campus Paricarana faz parte do processo de crescimento da infraestrutura da própria instituição com o objetivo evitar a sobrecarga de energia proveniente do aumento do consumo, uma vez que a UFRR ganhou novos prédios. Em julho foram beneficiados os prédios do Centro de Ciências Biológicas, o novo prédio da Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, prédios que compõem o Centro de Convivência, Centro de Desenvolvimento do Professor, Centro de Treinamento do Servidor, Clínica de Psicologia e Residência Universitária. Esses locais receberam subestação própria. A ação contou com recursos do MEC, executada por empresa terceirizada e acompanhamento da GEOP.

Clínica de Psicologia

A UFRR conta agora com uma Clínica de Psicologia que vai prestar serviços de atendimento não só a comunidade acadêmica, mas também à população em geral. Os serviços serão prestados por acadêmicos do curso de psicologia e vão desde a prevenção até a manutenção e a promoção da saúde psicológica. Também serão disponibilizados estágios para os estudantes do curso, além da possibilidade de desenvolvimento de projetos de extensão. O prédio conta com recepção, salas de coordenação, ludoterapia, atendimento individual adolescente e adulto, avaliação e ainda espaço comum.



EXPEDIENTE UFRRNOTÍCIAS AGOSTO e SETEMBRO/2011: **Coordenação Editorial:** Éder Rodrigues - MTb/RR 119/01 JP | **ederassessoria@hotmail.com** | **Editor:** Johann Barbosa MTb/RR 318 JP | **Reportagens:** Aline Padilha MTb/RR 219/01 JP | Cristina Oliveira MTb/RS 10.131 JP | Éder Rodrigues | Greick Alves | Johann Barbosa | **Fotografia:** Roberto Caleffi | Lanne Prata | **Diagramação e Editoração:** Israel Mattos | israelmattosdg@hotmail.com | **Mídias Virtuais e Impressas:** Deolírio Colares | **Revisão:** Antônio Benício de Sales | **Estagiárias de Jornalismo:** Aline Leão | Patricia Sifuentes | **Secretária:** Katiane Feitosa | **CoordCom Fones:** (95) 3621-3106 | (95) 9976-0871 | **Home Page:** www.ufrr.br | **E-mail:** coordcom@ufrr.br | **CoordCom - Coordenador de Comunicação Social:** Éder Rodrigues | **Chefe da Divisão de Relações Públicas:** Greick Alves | **Chefe da Divisão de Atendimento à Imprensa:** Aline Padilha | **Chefe da Divisão de Fotografia:** Roberto Caleffi

Petrobras promove Educação Sustentável em Roraima

A meta do projeto é capacitar 600 assentados contribuindo com a mudança da realidade social nas zonas rurais do estado. O projeto da UFRR foi aprovado no edital Petrobras Desenvolvimento e Cidadania

ÉDER RODRIGUES

É mais fácil passar no vestibular de Medicina da USP ou da Unicamp do que ter o projeto selecionado neste edital, por conta dos critérios adotados". Foi assim que a gerente de Responsabilidade Social da Petrobras, Maria Cristina Costa, abriu o evento realizado no dia 03 de agosto no auditório do Centro de Ciências da Saúde (CCS/UFRR), ao destacar a importância do projeto aprovado em Roraima e gerido por professores da Universidade Federal de Roraima.

Maria Cristina é gestora de 28 projetos sociais. Grande parte no norte do Brasil. "Além de fazer o acompanhamento e o monitoramento dos projetos sociais, eu conheço pessoas e vejo a cara de quem faz os projetos acontecerem. Todo mundo tem um rosto, um jeito, uma história. É com isso que faço meu trabalho. Esta é a essência para fazer a gestão destes projetos", explica ela, relatando experiências vividas em regiões carentes como o Vale do Jequitinhonha (MG), lugar que no passado era formado por florestas e habitada por comunidade indígenas e que foi degradada, sobretudo, pela atividade predatória da mineração e extração do diamante.

Maria Cristina afirmou que existe uma realidade no norte do país que precisa ser cuidada e ser transforma-

da. Ela disse que na última seleção do Petrobras Cidadania foram inscritos 5.582 projetos e no final, 113 foram selecionados pelo edital. A Petrobras faz a gestão direta de 500 projetos no país inteiro. "Pretendemos fazer uma seleção pública para 2012 contemplando o Brasil inteiro novamente. O valor deste edital chegou a 110 milhões distribuídos em todos os Estados", finalizou



Geyza Alves Pimentel, Pró-reitora de Extensão

Edital

O valor disponibilizado pelo edital da Petrobras para este gênero foi de 1,5 milhão de reais. "A Petrobras é uma empresa, portanto trabalha com números. A meta deste programa é atender, até 2012, 18 milhões de pessoas", completou Cristina.

O projeto em Roraima pretende oferecer qualificação profissional para as famílias rurais do Projeto de Assentamento (P.A.) Nova Amazônia (Boa Vista) e do Programa de Assentamento Dirigido (P.A.D.) Anauá (Rorainópolis), uma vez que foi identificado pelos gestores que a falta de estrutura organizacional e de formação técnico profissionalizante limitam o desenvolvimento local.

O objetivo do projeto é criação e fortalecimento do cooperativismo associado aos 24 cursos de capacitação nas áreas de avicultura, apicultura e produção de mudas com a implantação de três unidades demonstrativas.

A pró-reitora de Extensão, Geyza Alves Pimentel, disse que este é um projeto de grande valia para UFRR porque atingirá um público que

ainda não dispõe de ações de capacitação e alfabetização. O projeto permite criar cooperativas e associações para que eles possam dar continuidade ao conhecimento adquirido.

"Eles vão poder criar organizações para conseguirem mais apoio e mais recursos de outros projetos para que tenham financiamento. A parceira do projeto com a Cooperativa de Empreendimentos Sociais da UFRR vai possibilitar isso. Já temos *know-how* na área de cooperativismo e isso vai fazer com que o projeto tenha um salto muito grande."

A professora Geyza explica que este já é o quarto projeto da Petrobras implantado pela UFRR, tendo um dos maiores financiamentos previstos. "É sempre muito bom trabalhar com a Petrobras, porque é uma empresa que acredita no estado de Roraima", comemora.



Professora Adalgiza Aranha, coordenadora técnica do projeto

A coordenadora técnica do projeto, a professora Adalgiza Aranha, explica que a equipe está trabalhando com a esperança de que estes assentados alcancem esta sustentabilidade local. "Nossa expectativa é começar o trabalho com sucesso e continuar as ações contando com o apoio, principalmente da universidade. Vamos atender 300 assentados no P.A. Nova Amazônia, município de Boa Vista e 300 no P.A.D. Anauá em Rorainópolis", completou. O contato da coordenação para outras informações é o email: educacao3sgmail.com ou o telefone (95) 9972.3308. ■



Maria Cristina Costa, gerente de Responsabilidade Social da Petrobras

Filho do engenheiro que projetou Boa Vista ministra palestra na UFRR

O arquiteto Darcy Romero Derenusson, filho do engenheiro Darcy Aleixo Derenusson (falecido em 2002), esteve em Roraima, a convite dos professores do Instituto de Geociências para participar da homenagem aos 121 anos de Boa Vista

ÉDER RODRIGUES

Uma articulação entre a UFRR, empresa Ajuricaba Produções e o patrocínio da Câmara dos Vereadores de Boa Vista, permitiu que o arquiteto se deslocasse de Brasília (DF), onde mora com a família, para contribuir com o conhecimento histórico de Boa Vista.

A palestra *Boa Vista o Projeto que Deu Certo* ocorreu no dia 04 de julho, no auditório Alexandre Borges. Professores de História, Arquitetura e Urbanismo, Geografia, Ciências Sociais, estudantes da UFRR e de outras faculdades participaram do evento que durou cerca de duas horas. "Foi um momento ímpar para conhecermos melhor a nossa história e a construção do espaço urbano da capital de Roraima", ressaltou o professor Antônio Tolrino Veras, que defendeu tese de doutorado na Universidade de São Paulo com o tema *A produção do espaço urbano de Boa Vista (RR)*.

Com fotos dos anos 40 e 50 e textos retirados de revistas publicadas neste período, Darcy Romero explicou como se deu o trabalho do pai dele e da equipe ao criar o projeto arquitetônico e o plano urbanístico da cidade de Boa Vista, em formato radial, ainda no governo do Capitão Ene Garcez, entre 1944 e 1946.

Darcy Romero também participou da sessão especial realizada no dia 06 de julho na Câmara de Boa Vista, com a presença de parlamentares, famílias tradicionais, autoridades, imprensa e estudantes, onde falou sobre o trabalho do pai.

Tal pai, tal filho: Darcy Romero é arquiteto e conhece bem o traçado urbano de Boa Vista planejado pelo pai



Darcy Aleixo Derenusson no escritório da empresa Riobras em foto da década de 40

Plano

De acordo com Darcy Romero, a cidade de Boa Vista foi planejada para ser exemplo para o Brasil e orgulho para os moradores da região. "A ideia de ruas convergindo para o centro, que é o poder constituído no Estado, tinha o propósito de chamar a atenção de todos para a existência de uma ordem, de um governo em Boa Vista, uma vez que naquela época existiam alguns conflitos familiares e pessoas que andavam sempre armadas nas ruas", ressaltou Darcy.

Mais de 2.500 pessoas trabalharam na equipe e todas as ruas da cidade foram 'cortadas' para a implantação de tubulação e da rede de águas pluviais. Foram desenhadas mais de mil plantas para compor o projeto.

O traçado proposto por Darcy Aleixo Derenusson foi seguido durante os primeiros 25 anos após ele entregar o projeto. A partir daí a cidade começou a crescer de forma desordenada, por vários motivos como: o crescimento acelerado da capital, a migração e as invasões, muitas vezes legalizadas

pelo próprio poder público.

Mas a vinda de Darcy Romero a Roraima deixou clara a importância do projeto original, uma vez que Boa Vista está entre as primeiras capitais planejadas do país, incluindo Teresina, Aracaju, Belo Horizonte e Goiânia. São inclusas nesta lista, depois de Boa Vista, a capital federal, Brasília, em 1960 e Palmas, em 1990. ■



Maquete do plano da cidade elaborada por Darcy Aleixo Derenusson na década de 40



Imagem aérea de Boa Vista - 1964

Antropólogos brasileiros e estrangeiros discutem Diálogos Interculturais na Panamazônia

Universidade Federal de Roraima sedia um dos maiores eventos da Antropologia do país, com a participação de pesquisadores do Brasil e da América Latina

JOHANN BARBOSA

Uma diversidade de povos indígenas, com culturas, costumes e línguas diferentes. Maneiras diversas de se adaptar ao ambiente, seja a floresta, o lavrado, a montanha ou a cidade. Peculiaridades distintas, encontradas num só local onde estiveram reunidos antropólogos e pesquisadores de todo o país, num dos maiores eventos da área. A III Reunião Equatorial de Antropologia (REA) e XII Reunião de Antropólogos Norte e Nordeste (ABANNE), realizadas entre os dias 14 e 17 de Agosto na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

A cada dois anos profissionais e acadêmicos de todo o país se reúnem para discutir as pesquisas em andamento e propor novos trabalhos. O tema este ano foi *Diálogos Interculturais na Panamazônia*. Foram tratados assuntos envolvendo os países amazônicos e as áreas de fronteira da região norte. “Tivemos conferências, mesas redondas, minicursos, fóruns, reunindo em torno de mil participantes de todo o país. Além de uma feira de artesanato e diversas atividades culturais”, enumerou o professor Carlos Cirino, coordenador do Núcleo Histórico Socioambiental (NUHSA), um dos responsáveis pelo evento, que conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior (CAPES) e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Além disso foram lançados cinco livros



Foto: Orib Ziedson

As atividades da REA/ABANNE serão realizadas em toda a UFRR de professores outras instituições de ensino superior. Houve ainda a Mostra Livre de Filmes, Ensaio Fotográfico, Hipermídias e Etnografias Sonoras, no auditório Alexandre Borges. “O evento marcou grandes realizações da área aqui no Estado, como a criação do Instituto de Antropologia no primeiro semestre, e do curso de graduação em Antropologia na UFRR, que antes era uma habilitação do curso de Ciências Sociais e ainda o Mestrado Interinstitucional em Antropologia Socioambiental, parceria entre a UFRR, a UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) e o Governo do Estado

de Roraima” destacou Carlos Cirino, lembrando ainda do centenário dos estudos científicos que o alemão Theodor Koch-Grünberg realizou em território roraimense.

A III REA/XII ABANNE foi considerado um dos maiores eventos já realizados no UFRR oportunizando expor não só os



Carlos Cirino – Coordenador do NUHSA “Pesquisadores de todo o país vão participar das discussões aqui no Estado”

estudos produzidos na área da antropologia, mas também em outras áreas afins que possam ser relacionadas entre si, como ciências sociais, direito, saúde. “Além de estarmos numa área de fronteira internacional, a questão indígena aqui é muito forte. Isso despertou o interesse e a curiosidade de muitos pesquisadores em visitar o Estado para participar do Encontro, pois aqui eles estarão em contato direto com esses objetos de estudo”, finalizou Cirino. ■

III REA - XII ABANNE
De 14 a 17 de agosto de 2011

**DIÁLOGOS INTERCULTURAIS
NA PANAMAZÔNIA**

Patrocinadores: BRASIL, CNPq, UFRR, ABA, SEBRAE, FOLHA, NUBAN, CERR, RORAIMA, ABA, UFRR, NUHSA

Apoio: UFRR, ABA, SEBRAE, FOLHA, NUBAN, CERR, RORAIMA, ABA, UFRR, NUHSA

Realização: UFRR, ABA, SEBRAE, FOLHA, NUBAN, CERR, RORAIMA, ABA, UFRR, NUHSA

Povo Yanomami ingressa n

Filhos de Omama, o criador, os Yanomami formam uma sociedade de caçadores-agricultores n pelos seus direitos, conquistando espaços e respeito. Este ano, ingressaram na Universidade F

ÉDER RODRIGUES E ALINE PADILHA
COM CONTRIBUIÇÃO DE MAURÍCIO YE'KUANA

O contato dos Yanomami com a sociedade nacional é, na maior parte do seu território, relativamente recente. Dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), de 2011, indicam que no Brasil, a população Yanomami é de 19.338 pessoas, repartidas em 228 comunidades. Mas existem Yanomami também na Venezuela. De acordo com levantamento feito também, neste ano, na Hutukara Associação Yanomami (HAY), a população total no Brasil e na Venezuela é estimada em cerca de 35 mil pessoas.

Localizada entre os estados do Amazonas e Roraima, a Terra Indígena Yanomami foi homologada por decreto presidencial em 25 de maio de 1992. Cobre, aproximadamente, 97 mil km² de floresta tropical no Brasil e é reconhecida por sua alta relevância em termo de proteção da biodiversidade amazônica. Quando somadas as terras do lado venezuelano, seu território total chega, aproximadamente, a 192 mil km².

História

Por não possuírem afinidade genética, antropológica ou linguística com os seus vizinhos atuais, como os Ye'kuana (de língua karíb), geneticistas e linguistas que os estudaram deduziram que os Yanomami seriam descendentes de um grupo indígena que permaneceu relativamente isolado desde uma época remota. Uma vez estabelecido enquanto conjunto linguístico, os antigos Yanomami teriam ocupado a área das cabeceiras do Orinoco e Parima há um milênio, e ali iniciado o seu processo de diferenciação interna (há 700 anos) para acabar desenvolvendo suas línguas atuais.

Segundo a tradição oral Yanomami e os documentos mais antigos que mencionam este grupo indígena, o centro histórico do seu habitat situa-se na Serra Parima, divisor de águas entre o alto Orinoco e os afluentes da margem direita do rio Branco. Essa é ainda a área mais densamente povoada do seu território. O movimento de dispersão do povoamento Yanomami a partir da Serra

Parima em direção às terras baixas circunvizinhas começou, provavelmente, na primeira metade do século XIX, após a penetração colonial nas regiões do alto Orinoco e dos rios Negro e Branco, na segunda metade do século XVIII. A configuração contemporânea das terras Yanomami tem sua origem neste antigo movimento migratório.

Tal expansão geográfica dos Yanomami foi possível, a partir do século XIX e até o começo do século XX, por um importante crescimento demográfico. Vários antropólogos consideram que essa expansão populacional foi causada por transformações econômicas induzidas pela aquisição de novas plantas de cultivo e de ferramentas metálicas por meio de trocas e guerras com grupos indígenas vizinhos (Karib, ao norte e a leste; Arawak, ao sul e ao oeste), que, por sua vez, mantinham um contato direto com a fronteira branca. O esvaziamento progressivo do território desses grupos, dizimados pelo contato com a sociedade regional por todo o século XIX, acabou favorecendo também o processo de expansão Yanomami.

Primeiros contatos

Até o fim do século XIX, os Yanomami mantinham contato apenas com outros grupos indígenas vizinhos. No Brasil, os primeiros encontros diretos de grupos Yanomami com representantes da fronteira extrativista local (balateiros, piaçabeiros, caçadores), bem como com soldados da Comissão de Limites e funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), criado em 1910 e substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1967, ocorreram nas décadas de 1910 a 1940.

Entre os anos 1940 e meados dos anos 1960, a abertura de alguns postos do SPI e, sobretudo, de várias missões católicas e evangélicas, estabeleceu os primeiros pontos de contato permanente no seu território. Estes postos constituíram uma rede de pólos de sedentarização, fonte regular de objetos manufaturados e de alguma assistência sanitária, mas também, muitas vezes, origem de graves

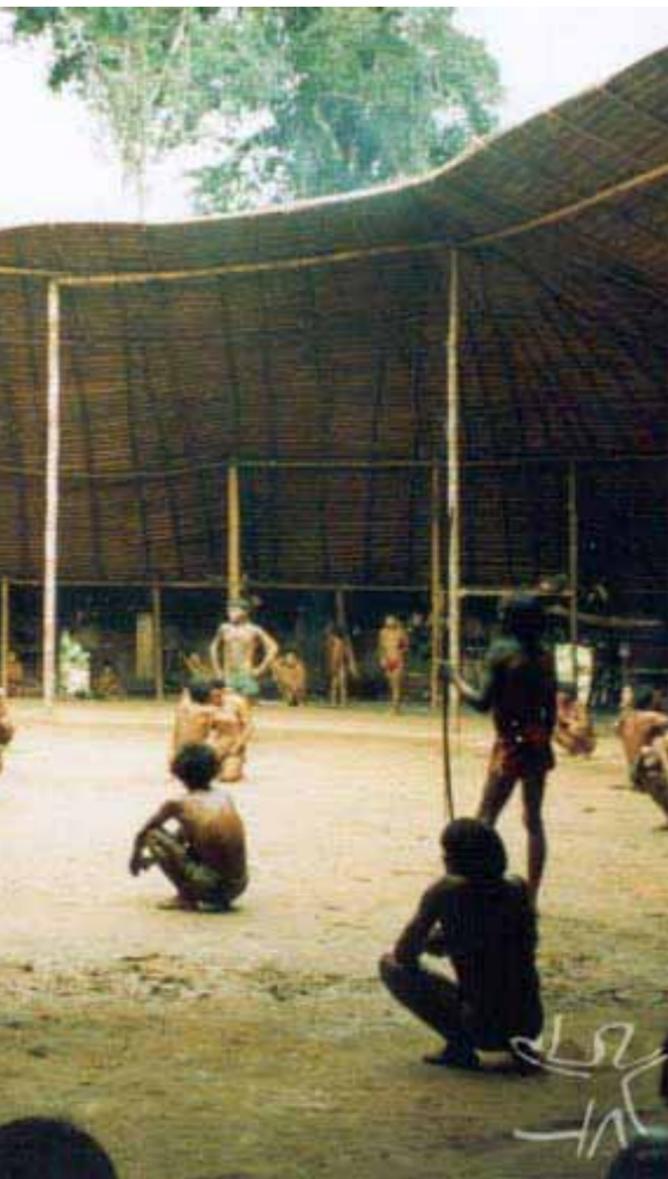
surtos epidêmicos (sarampo, gripe e coqueluche).

Nas décadas de 1970 e 1980, os projetos de desenvolvimento do Estado começaram a submeter os Yanomami a formas de contato maciço com a fronteira econômica regional em expansão, principalmente no oeste de Roraima: estradas, projetos de colonização, fazendas, serrarias, canteiros de obras e primeiros garimpos. Esses contatos provocaram um choque epidemiológico de grande magnitude, causando altas perdas demográficas, uma degradação sanitária generalizada e, em algumas áreas, graves fenômenos de destruturação social.



no Ensino Superior Público

moradores da floresta tropical. Organizados em Associação, o povo vem lutando há décadas Federal de Roraima.



“Quero que meu povo viva em paz e que o Brasil reconheça os nossos direitos”, diz Dário Kopenawa

Por ano, o processo de vestibular da UFRR oferece cerca de 150 vagas destinadas às comunidades indígenas. Cinquenta delas são distribuídas entre os 38 cursos de graduação que a instituição oferece, 60 são destinadas ao curso de Licenciatura Intercultural e 40 para o curso de Gestão Territorial, estes últimos oferecidos pelo Instituto Insikiran. De acordo com o levantamento da Comissão Permanente do Vestibular (CPV) e do Instituto Insikiran todas as vagas ofertadas são preenchidas. Este ano, pela primeira vez na história da educação superior pública no Brasil, uma universidade recebe integrantes do povo Yanomami, considerado um dos mais isolados da região amazônica.

Yanomami

Nove Yanomami foram aprovados, oito deles vão cursar Licenciatura Intercultural a partir de janeiro de 2012. Dário Kopenawa Yanomami destacou-se por ser o único da etnia aprovado no curso de Gestão Territorial. Ele é filho do líder Yanomami Davi Kopenawa, reconhecido mundialmente pela luta e defesa dos direitos dos povos indígenas. Aos 26 anos, Dário iniciou a vida universitária neste mês de agosto na UFRR e é oficialmente o primeiro Yanomami a frequentar uma faculdade pública.

Para este jovem que cresceu em uma aldeia indígena, os desafios serão muitos, mas a oportunidade de um curso voltado especificamente para as necessidades indígenas e que respeita a cultura e as raízes de cada povo traz mais segurança e confiança para seguir em frente.

Dário, que milita há 12 anos com o pai, pretende aliar a cultura e as experiências dos Yanomami ao “mundo” daqueles que não conhecem a realidade indígena. Ao mesmo tempo quer ampliar o conhecimento do sistema político e social brasileiro. “Esta é uma grande conquista para o meu povo, afinal era muito difícil passar na Universidade Federal. Para mim há dois pensamentos que sigo: quero estudar melhor a filosofia de vida dos de quem não vive nossa realidade, entender as leis, os processos, mas também comunicar o valor da nossa cultura e transmitir nossos conhecimentos sobre nossa comunidade a eles”, explica.

Para ele, a língua não será a principal dificuldade, o maior problema é vencer o preconceito daqueles que não conhecem e não valorizam a cultura indígena. “A cidade ainda é estranha para mim. Ainda existe muito desrespeito. Considero que vivemos em um estado anti-indígena e temos vários desafios, mas estou lutando na Hutukara, juntamente com movimentos indígenas do Brasil, sobretudo na questão de invasões

de terra e é uma grande responsabilidade para nós que agora estamos na universidade”, lembra.

Dário também fala que após concluir o curso de Gestão Territorial quer fazer Direito, considerando que depois de vencer esta etapa dos estudos, retornará para a comunidade. “Quero que meu povo viva em paz. Que o estado de Roraima e o Brasil reconheçam os nossos direitos e respeite o povo Yanomami”, finaliza ele.

Instituto Insikiran: respeito e valorização da cultura indígena

Em 2009, o Núcleo Insikiran passou a ser denominado Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena. Para a universidade, o Insikiran é um compromisso social, no qual são implementadas políticas de ação para os povos indígenas e a consolidação das políticas públicas de ensino superior direcionadas a essas populações, respeitando a diversidade étnico-cultural. O Instituto tem cerca de 350 alunos e já formou alunos das comunidades Macuxi, Wapichana, Taurepang, Wai Wai, Ingaricó e Ye'kuana.

Dois cursos são oferecidos: Licenciatura Intercultural, que abrange três áreas de habilitação: Comunicação e Artes, Ciências da Natureza e Ciências Sociais. Tem como objetivo habilitar professores indígenas para atuarem na educação básica das comunidades em Roraima. E ainda o curso de Gestão Territorial Indígena, que visa a formação e habilitação dos índios para atuarem no âmbito da região amazônica, com atividades que envolvam a gestão de territórios, particularmente a formulação, desenvolvimento, monitoramento e avaliação de políticas, projetos e ações que garantam a sustentabilidade, a defesa do patrimônio cultural e natural de cada comunidade.

Para o professor Celino Alexandre Raposo, coordenador do curso de Licenciatura Intercultural, é importante a entrada de acadêmicos Yanomami na UFRR, uma vez que é objetivo do Insikiran proporcionar o ensino de qualidade a todos os povos indígenas de Roraima, independente da etnia. “Os Yanomami sempre estiveram mais isolados que os outras etnias e têm uma concepção de mundo mais ampla. É a oportunidade deles de se assemelhar as outras etnias ao ingressar na universidade e adquirir conhecimento em uma área relacionada ao seu dia a dia”, complementa. ▶



Professor Celino Raposo, coordenador do curso de Licenciatura Intercultural



Dário Kopenawa: “meu pai já lutou muito. Agora é a minha vez de continuar o trabalho pelo nosso povo e pela terra”.

Terras Yanomami em perigo

“Nossa luta é pela terra e ninguém deve passar por cima de nós”, diz Davi Kopenawa

Para ter exploração mineral em terras Yanomami, as mineradoras e os *napëpë* (‘estrangeiros e inimigos’, na língua Yanomami), vão derrubar a floresta, acabar com os pássaros, as aves, os animais, a água e os índios. Este alerta vem sendo dado há mais de 20 anos por Davi Kopenawa Yanomami, presidente da Hutukara Associação Yanomami.

“Isso não vai dar certo. Os Yanomami são um povo sobrevivente. Desde 1986 temos sofrido com o garimpo que invade nossas terras como uma doença”, disse ele, em entrevista para a equipe do Jornal UFRR Notícias.

A publicidade dada ao potencial mineral das jazidas em território Yanomami, proveniente do levantamento dos recursos amazônicos por meio do Projeto RADAM (1975), desencadeou um movimento progressivo de invasão garimpeira, que acabou agravando-se no final dos anos 1980 e tomou a forma, a partir de 1987, de uma verdadeira corrida do ouro.

Dezenas de pistas de pouso clandestinas utilizadas no garimpo foram abertas no curso superior dos principais afluentes do Rio Branco entre 1987 e 1990. O número de garimpeiros na área Yanomami de Roraima foi, então, estimado em 30 a 40 mil, cerca de cinco vezes a população indígena ali residente. A intensidade da corrida do ouro diminuiu a partir do começo dos anos 1990, com a proibição do garimpo. No entanto, segundo a Hutukara, até hoje, núcleos de garimpagem continuam encravados na terra Yanomami, espalhando violência e graves problemas sanitários e sociais. Este fato se agrava quando se fala no Projeto de Lei nº 1610/96, que prevê a exploração de recursos minerais

“As autoridades precisam conversar com as lideranças indígenas e deixar bem claro o que é ‘mineração’ e o que a mineração não vai trazer nada para minha floresta.”

em áreas indígenas, em tramitação na Câmara dos Deputados.

Davi Yanomami diz que o povo luta pela terra demarcada e sua manutenção. Ele explica que a lei escrita é diferente da lei do Yanomami que se dá oralmente. “As corujas de olhos grandes fazem as leis em Brasília. Só pensam em explorar as terras indígenas e mandar o que se extrai para outros países. As autoridades precisam conversar com as lideranças indígenas e deixar bem claro o que é ‘mineração’ e o que ela faz. A mineração não vai trazer nada para minha floresta. Não trará água, saúde, alimentação para nossos filhos. Só traz doenças e pessoas más para matar índios, estragam o pulmão e o coração da terra, onde nascem as águas nas fronteiras, como em Auaris e Surucucus”, aponta.



Ele afirma que neste ponto, as autoridades devem pensar bem antes de destruir a terra Yanomami com a mineração. “Devemos discutir muito. Nós não vamos gostar que ninguém passe por cima de nós, colocando grandes mineradoras em terras demarcadas conhecidas no mundo inteiro, desrespeitando nossas leis. Isso não vai dar certo. A lei de vocês está no papel, o que nós queremos é olhar o coração, é olhar nos olhos”, finaliza. ■

UFRR realiza programação alusiva a Semana da Anistia

As atividades vão contar com a distribuição de panfletos, exibição de filmes e discussões que terão a anistia política como tema principal

Reconhecida pelos trabalhos dirigidos à reflexão sobre os Direitos Humanos, a Universidade Federal de Roraima (UFRR) foi convidada pela Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, para realizar a I Semana da Anistia em Roraima. O evento ocorre em todo Brasil de 22 a 26 de agosto. Em Boa Vista será no dia 23, terça-feira.

Inicialmente a programação terá panfletagem com folders e adesivos da campanha *Contra Tortura*; exibição do filme *Anistia 30 anos*; e mesa redonda que será realizada no auditório Alexandre Borges da UFRR.

A atividade em comemoração aos 10 anos da Comissão de Anistia é integrante do Projeto Educativo *Anistia Política: educação para cidadania, democracia e direitos humanos*. O objetivo desta primeira edição é constituir atividades reflexivas, promovendo difusão dos temas da anistia política e da justiça de transição a partir de fatos históricos e datas marcantes no processo de luta pela redemocratização do país.

O evento tem a parceria de movimentos sociais, a sociedade civil organizada e instituições governamentais ligadas aos direitos humanos. Segundo o professor Marcos Braga, do Instituto Insikiran da UFRR, também responsável pelo evento, a universidade como uma instituição



Professor Marcos Braga, um dos organizadores do evento

formadora de opinião tem esse papel social e político de dinamizar os direitos humanos, de informar fatos políticos acontecidos no Brasil e



Gianfranco Graziola, coordenador do Centro de Migrações e Direitos Humanos (CMDH): apoio integral ao evento

como se desencadeou o processo de redemocratização do país. “Com a Comissão de Anistia comemorando uma década de criação, é importante a formação educacional dessa juventude inserida nas universidades”, acrescenta.

Segundo Gianfranco Graziola, coordenador do Centro de Migrações e Direitos Humanos (CMDH), é importante que a Universidade debata esse tema, pois ela tem um papel fundamental no confronto de diversos assuntos históricos com a sociedade. A anistia é uma das realidades polêmicas ligadas aos direitos

humanos e a vários fatos da época da ditadura. “É relevante trazer a realidade, memórias de acontecimentos polêmicos que construíram a história do país e marcaram a vida de vítimas desse período. Não podemos esquecer que o debate ajuda a lembrar e tornar públicas, ações cometidas no passado. Algumas ainda não apuradas”, complementa. ■

De Roraima a Coimbra

Acadêmicos aprovados no projeto de intercâmbio vão estudar na Universidade de Coimbra durante um ano. A UFRR expande suas ações de mobilidade, preparando a comunidade acadêmica para novos desafios

JOHANN BARBOSA

Quando soube que a filha havia sido aprovada, e passaria o próximo ano em Portugal, a mãe de Luíza Xaud, 22, que antes a incentivara a participar do processo seletivo, chegou a pensar duas vezes. Será que suportaria a filha distante por tanto tempo? A mãe de Priscila Simões, 22, soube da notícia já perguntando quando poderia comprar e marcar a passagem. São apenas duas, das quinze reações diferentes dos familiares dos acadêmicos da Universidade Federal de Roraima (UFRR), selecionados pelo Programa de Mobilidade Internacional para Graduação (PMIG) desenvolvido a partir de uma parceria entre a Associação Grupo Coimbra de Dirigentes de Universidades Brasileiras (GCUB), e a Universidade de Coimbra.

O edital divulgado no fim do mês de Junho selecionou alunos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Direito e

Psicologia da UFRR.

Eles passaram por uma análise curricular e do histórico escolar e ainda pela avaliação da carta de intenções, na qual mostravam os benefícios que o intercâmbio traria para eles. Antes disso os cursos apresentaram projetos falando da importância dessa parceria para a UFRR, além da equivalência das disciplinas, da carga horária e do conteúdo.

“A mobilidade nacional na qual os acadêmicos da UFRR iam para outras insti-



tuções do Brasil, foi o carro chefe deste trabalho, que cresce agora com a internacionalização, fundamental para qualquer universidade”, comenta o professor Américo Alves, coordenador de Relações Internacionais da UFRR. Internacionalizar não no sentido de entrega, de “venda”, mas sim de firmar a instituição no cenário acadêmico, no caso europeu, e com perspectivas de expansão. “Essa foi uma das vitórias do projeto, vencer esse preconceito e mostrar a importância disso para a comunidade acadêmica”, acrescentou.

Os próximos dois semestres dos alunos selecionados serão cursados na universidade de Coimbra, umas das mais antigas do mundo, fundada em 1288. Será uma oportunidade de crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Lá, eles terão contato com estudantes não só de Portugal, mas de outros países europeus onde a mobilidade internacional é uma política constante. “Pessoalmente eles terão uma perspectiva de tolerância e respeito únicos com o próximo, de maneira a incentivar os demais colegas de curso” disse Américo.

Acadêmicos

A etapa seguinte foi abandonar a falsa ideia da perda de disciplinas durante o período que eles vão passar em Portugal. “Quando o edital foi lançado, muitos acadêmicos pensavam ‘mas vamos perder um semestre nesse período que vamos passar lá’, e isso inibiu muitos de concorrerem no projeto”, lamenta a professora Tatiana Saldanha, do curso de Psicologia da UFRR. “Mas aos poucos eles criaram essa consciência de que o ganho teórico e prático adquirido não se compara a um adiamento de formatura”, amenizou.

Para Gabriela Cruz, 22, acadêmica do 6º semestre de Psicologia, “vamos entender como funcionam serviços, clínicas, o que podemos trazer para cá, além de conhecer outros países e partici-



par de congressos, como o de Psicologia Social, que será na Espanha”.

Além de aproveitar a estrutura disponível na universidade portuguesa, os acadêmicos poderão retornar com ideias que podem ajudar nos cursos da UFRR.



“Vamos contar com avançados laboratórios na área de arquitetura por exemplo, e será uma experiência prática muito importante para nosso aprendi-

zado”, ressaltou Luíza Xaud, que está no 10º semestre.

“Não acredito que demos somente um passo a mais na nossa vida, e sim um salto. Imaginava antes o quanto bom seria um intercâmbio na Universidade de Viçosa, em Minas Gerais, sem desmerecê-la claro, mas agora vamos para uma das instituições de ensino mais antigas do mundo. É algo muito bom”, comemora Priscila Simões, atualmente no 8º semestre de Arquitetura.



Durante o período de permanência em Coimbra, eles terão seguro saúde (na qualidade de estudante da Universidade de Coimbra), acesso aos restaurantes universitários nas mesmas condições dos outros estudantes, e acesso aos demais apoios sociais proporcionados pela Universidade de Coimbra. A Coordenadoria de Relações Internacionais (Crint/UFRR) e as coordenações dos cursos envolvidos devem acompanhar o desempenho dos acadêmicos durante o período em que estiverem no intercâmbio.

Expansão Internacional

Em dois anos, a UFRR por meio da Crint, firmou 14 acordos internacionais, com 25 mobilidades nesse período. Um trabalho estabelecido por meio de metas que ao longo desse período vêm sendo cumpridas. “Nossa primeira missão era estruturar a Crint, conseguimos. Com isso vieram os acordos com instituições estrangeiras, e a partir de agora queremos a expansão”, enumera Américo Alves.

Essa expansão deve chegar a partir do



Fernando Xavier, Coordenador do Curso de Direito da UFRR

“O Direito brasileiro é moldado com base no português, e os autores estudados aqui são professores na Universidade de Coimbra. Os estudantes selecionados poderão propor teorias mais atuais e propostas institucionais quando retornarem à universidade”



“Os estudantes de Arquitetura e Urbanismo terão a história arquitetônica europeia ao redor deles, e ainda irão dispor de uma análise cultural muito grande, além de poder relacionar essa diferença cultural”

Felipe Melo, Coordenador do curso de Arquitetura da UFRR

projeto de internacionalização da UFRR, que de acordo com Alves, é o que a universidade precisa para tornar-se mais ativa e superar as dificuldades, realizando assim um trabalho mais abrangente. “A estrutura da UFRR começa a se adequar ao que é exigido por universidades de fora para mandar seus acadêmicos pra cá, como alojamentos e restaurante universitário. A ideia do projeto será apresentada no Cuni (Conselho Universitário), e com isso pretendemos tornar a UFRR mais ativa no que diz respeito à mobilidade internacional”, acrescentou.

Expansão da Mobilidade

Para se fortalecer no cenário acadêmico internacional, a UFRR vem participando de outros programas de parceria com instituições de ensino pelo mundo. Um exemplo é o convênio firmado com a *Pitzer College*, em Los Angeles (EUA). Administrado pelo Núcleo Histórico Sócio-Ambiental (NUHSA), prevê um intercâmbio entre acadêmicos da UFRR e da Instituição de ensino americana. “Em 2008 enviamos dois alunos e recebemos dois. Foi o início do convênio. Duas acadêmicas americanas estão concluindo este semestre aqui na UFRR, enquanto dois estudantes nossos estão lá, também em fase de conclusão do semestre”, explicou Carlos Cirino, coordenador do NUHSA.

O projeto está em fase de encerramento, mas as duas instituições de ensino articulam a prorrogação do convênio. “Um novo grupo deverá ser enviado no próximo ano, provavelmente maior do que o enviado agora, e já estudamos também o intercâmbio entre professores, este ainda sem data para ocorrer”, concluiu Cirino.

A Universidade de Évora, em Portugal, também deverá ser o destino dos próximos acadêmicos a participarem dos programas de mobilidade da UFRR. O primeiro contato entre as instituições foi feito em março de 2010, quando o reitor Roberto Ramos esteve em Portugal e assinou um protocolo de cooperação com a instituição portuguesa. “Estamos trabalhando para darmos prosseguimento ao convênio e podermos fazer o intercâmbio entre as duas instituições”, finalizou Américo Alves.



“Eles terão contato com perspectivas teóricas diversas, irão conhecer outros modos de fazer profissional. Além disso, poderão enxergar a UFRR e o Estado de Roraima como um todo, com a visão de uma cultura diferente. Além claro, de voltar com uma bagagem de estudo muito boa”

Tatiana Saldanha, Coordenadora do Curso de Psicologia da UFRR

Mestrado

A mobilidade internacional não deve ficar restrita aos cursos de graduação. De acordo com o professor Américo, por meio da Organização dos Estados Americanos (OEA), a UFRR estuda levar docentes para cursos de Mestrado nos países que integram o bloco. “Os nossos programas já foram disponibilizados, a princípio para os cursos de Física e Letras. Mais uma vez somos pioneiros, pois a UFRR é a única instituição da região Norte a fazer parte deste programa”, comemorou.

Doutores em mobilidade

O intercâmbio de ideias e conhecimento não são essenciais apenas para os acadêmicos. A busca por novos meios de trabalho, formas diferentes de lidar com uma pesquisa, é algo inerente ao fazer acadêmico em todas as etapas da graduação. Por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG), a Universidade Federal de Roraima tem possibilitado a participação de professores doutores em eventos internacionais, “a partir do Programa Pró-Pesquisa, que apoia a viagem dos docentes com trabalhos inscritos em congressos e seminários internacionais”, explicou **Luiz Alberto Pessoni**, pró-Reitor da PRPPG.



O edital foi lançado no início do ano e contemplou seis professores de diversas áreas. Eles encaminharam a proposta já com o trabalho aprovado nos eventos que pretendiam participar. A primeira fase permitiu a participação de professores em eventos até o dia 31 de julho. No mesmo edital está prevista uma próxima fase para o segundo semestre, com inscrições até 29 de novembro, para eventos entre 1º de agosto e 31 de dezembro. “Num segundo momento devemos apoiar também a divulgação de artigos em periódicos científicos, com o pagamento de taxas de tradução e publicação”, acrescentou.

Entre os contemplados nesta primeira etapa está a Doutora **Altiva Barbosa**, professora do Departamento de Geografia. Ela apresentou o resultado do trabalho *A busca da cidadania na última fronteira: Roraima, letargia e modernidade*, no 27º Seminário Anual da Associação de Latino-



Americanistas da Áustria, na cidade de Strobl, entre os dias 25 de maio e 06 de junho. Ela destaca o interesse dos europeus pelos assuntos relativos à Amazônia e à América Latina. “É uma troca de



aprendizado que conquistamos a partir da apresentação de uma pesquisa. Foram mais de 130 participantes de diversos países, todos com trabalhos focados na América Latina”, disse Barbosa.

Para a pesquisadora, com esse intercâmbio de ideias, o docente acaba por ter uma reflexão da própria pesquisa com base no pensamento de terceiros, quebrando assim os limites do campo de trabalho. “É preciso sair da nossa realidade e compararmos nossa visão com a do outro. Isso reflete inclusive na formação do aluno. Um professor estimulado incentiva os acadêmicos a expandir suas pesquisas de forma mais intensa”, completou. Com isso ganham os docentes, os estudantes, a instituição de ensino e os temas pesquisados que ganham embasamento teórico e prático cada vez mais amplo.

O destino da professora **Gilvete Gabriel**, do curso de Pedagogia, foi o Norte da França, na cidade de Lille, onde participou do *Colóquio Internacional de Pesquisa Autobiográfica*. Trabalho esse voltado à formação humana e do professor. “A Universidade, enquanto instituição formadora de novos professores é responsável por criar propostas de educação para o Estado, e esse intercâmbio é uma importante ferramenta para isso. Podemos construir um curso com a cara da UFRR a partir da identidade dos educadores de Roraima”, salientou a professora.



O incentivo aos acadêmicos é outro ponto a favor quando se fala em diálogo de pesquisas no âmbito internacional. É com esse confronto de ideias que o pesquisador consegue ampliar seu conhecimento e expandir o campo de trabalho. “Estamos articulando um evento semelhante aqui em Roraima, onde devemos contar com a participação dos pesquisadores franceses que estavam no Colóquio Internacional”, completou. ■

Educação na cidade para o campo

Educadores do interior são qualificados para melhorar o ensino no local onde vivem

Uma assistente de aluno de 20 anos de idade que sonha em ser professora e investir o aprendizado em prol da educação de crianças do local onde mora, a vila de Entre Rios, município de Caroebe, região Sul do Estado, distante cerca de 350 quilômetros de Boa Vista.

No outro extremo, 360 quilômetros a nordeste, partindo da capital, na comunidade de Água Fria, no Uiramutã, um professor de 32 anos que aproveita a prática educacional para evoluir na maneira de ensinar os estudantes e avançar o processo ensino-aprendizagem do local.

A assistente é Juliana de Sousa Alves. O professor, Pedro Gomes Rodrigues Filho. Em comum entre os dois, além do desejo de participar do desenvolvimento educacional de onde moram, está o fato de serem alunos do curso de Licenciatura em Educação no Campo, oferecido pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), e voltado a alunos e professores que atuam nos municípios do interior do Estado.

Dos 15 municípios roraimenses, 10 têm participantes na graduação, que atuam no ensino fundamental e médio em duas áreas: Ciências Humanas e Racionais, e Ciências da Natureza e Matemática. "São 60 alunos-professores que durante quatro anos vão estudar aqui na UFRR tendo como referência a pedagogia da alternância", explicou Gilvete Gabriel, coordenadora do curso, completando que dessa forma, os alunos passam os dois meses de férias, janeiro e julho, estudando na Universidade, o chamado Tempo Escola. No restante do ano eles estão em sala de aula, aplicando o aprendizado da academia, o Tempo Comunidade. "Nos meses de abril e outubro os professores da UFRR visitam as escolas para acompanhar o trabalho feito durante o ano letivo", salientou.

Juliana tem um sonho: "ver os alunos investindo na comunidade, assim como estou

fazendo hoje, pois acredito que isso é que trará desenvolvimento a Entre Rios fazendo do local mais que uma vila com potencial econômico, social e educacional", relatou.

Em oito anos dedicados ao ensino fundamental na Escola Estadual Indígena São Sebastião do Cairão, o professor Pedro acredita

as aulas nós lidamos com as deficiências de várias outras comunidades relatadas pelos participantes do curso, e assim ajudamos uns aos outros", salientou.

A licenciatura é financiada pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). As atividades começaram em agosto de 2010. Em janeiro de 2011 houve o primeiro Tempo Escola, com os alunos tendo aulas presenciais no Centro de Educação (CEDUC) da UFRR. Entre 18 de julho e 18 de agosto, eles participaram do segundo encontro presencial. "Nesta fase tivemos o apoio do 6º Batalhão de Engenharia de Construção (BEC), que por meio do comandante, o Tenente-Coronel José Mateus Ribeiro, ofereceu alojamento para todos os alunos, durante o período das aulas", destacou Gilvete.

Educação é um direito universal, deve chegar a todos independente de onde estejam. Leis, constituições, estatutos prevêm isso, mas para tirar esse conceito das páginas constitucionais e oferecer de fato, uma educação de qualidade, é preciso um mínimo de dedicação, de querer fazer e superar dificuldades. São qualidades encontradas

nas cadeiras do curso de Licenciatura em Educação no Campo, em acadêmicos que se preparam hoje para colher os frutos desse aprendizado num futuro não muito distante, investindo num direito no qual o lucro é certo e compartilhado, a educação. "Esta iniciativa da UFRR facilita no intercâmbio de realidades com os outros participantes do curso, podendo assim aumentar cada semestre o conhecimento de cada um deles" explicou Pedro Gomes, professor da comunidade de Água Fria. "Essa iniciativa proporciona um conhecimento amplo

para os alunos, que vão ajudar no desempenho na sala de aula na qual irão lecionar", finalizou a atual assistente de aluno e futura professora, Juliana de Sousa. ■



Juliana de Sousa, assistente de aluno

"Investir na educação é a saída para o desenvolvimento da vila de Entre Rios"

"Aumentamos nosso conhecimento e também o dos estudantes"



Pedro Gomes, professor

ta na melhoria de seu próprio desempenho como educador. "Os meus alunos notaram essa evolução e pude perceber meu crescimento profissional. Além de aprender com